

Mônica Panis Kaseker

Modos de ouvir

A escuta do rádio ao longo de três gerações

MODOS DE OUVIR

A escuta do rádio ao longo de três gerações

Mônica Panis Kaseker

MODOS DE OUVIR

A escuta do rádio ao longo de três gerações


CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

Curitiba | 2012

© 2012, Mônica Panis Kaseker

2012, Editora Universitária Champagnat

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

Editora Universitária Champagnat

Editora-Chefe: Rosane de Mello Santo Nicola

Direção: Ana Maria de Barros

Coordenação: Viviane Gonçalves de Campos – CRB 9/1490

Capa, projeto gráfico e diagramação: Rafael da Matta Hasselmann

Impressão: Gráfica Capital

Revisão de texto: Debora Carvalho Capella e Rosane de Mello Santo Nicola

Ilustrações: Odil Miranda Ribeiro

Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. (41) 3271-1701 - Fax (41) 3271-1435

editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

K19m Kaseker, Mônica Panis
Modos de ouvir : a escuta do rádio ao longo de três
gerações. Mônica Panis Kaseker. – Curitiba : Champagnat,
2012.

299 p. ; 20 cm.

Inclui referências.
ISBN 978-85-7292-272-2

1. Rádio – Paraná – História. 2. Mudança cultural.
3. Percepção auditiva. I. Título.

CDD 384.54098162

AGRADECIMENTOS

Às orientadoras da pesquisa: Ana Luisa Fayet Sallas (Universidade Federal do Paraná), no Brasil, e Rosalía Winocur (Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco), no México.

Aos programas de doutorado da UFPR e da UAM-X.

À Capes, por me conceder bolsa-sanduíche para o estágio doutoral no México.

À professora Mônica Cristine Fort, ex-coordenadora do curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da PUCPR, que me estimulou a encaminhar o livro para a Editora Champagnat.

À Decana da Escola de Comunicação e Artes da PUCPR, Eliane C. Francisco Maffezzolli, e a essa instituição, pelo apoio concedido para que este livro fosse publicado.



SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
1 INTRODUÇÃO	21
2 O LUGAR SOCIAL DA ESCUTA	27
2.1 OUVIR NÃO É ESCUTAR	27
2.2 ESCUTAR É PRECISO	29
2.3 A ESCUTA NA MODERNIDADE	32
2.4 A AUDIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	36
2.5 O <i>HABITUS</i> E O OUVINTE	42
2.5.1 Escutar é crer	44
2.5.2 Escutar é criar	47
2.6 A FAMÍLIA COMO LUGAR DE PESQUISA	50
2.6.1 Gosto e estilo de vida	58
2.6.2 Identidade	60

3 RÁDIO E SOCIABILIDADE	65
3.1 AS FASES DO RÁDIO NO BRASIL E NO PARANÁ	66
3.2 A SITUAÇÃO DAS EMISSORAS AM EM CURITIBA	85
3.3 A SITUAÇÃO DAS EMISSORAS FM EM CURITIBA	100
3.3.1 Quanto mais, melhor	110
3.3.2 Na onda jovem	113
3.3.3 Por dentro o tempo todo	116
3.3.4 “Como chegar ao céu”	119
3.3.5 O bom gosto no ar	123
3.3.6 Os bons tempos pelas ondas	125
3.4 O ÁUDIO E A ESCUTA EM TEMPOS DE CONVERGÊNCIA	129
4 RECEPÇÃO, CONSUMO OU APROPRIAÇÃO	137
4.1 AS MEDIAÇÕES DA ESCUTA	143
4.1.1 Mediação tecnológica	145
4.1.2 Mediação cognoscitiva	148
4.1.3 Mediação situacional	152
4.1.4 Mediação institucional	155
4.1.5 Mediação referencial	159
4.2 PARA OUVIR OS OUVINTES	162
4.3 HISTÓRIAS DE FAMÍLIA	166
5 A CONSTITUIÇÃO DO <i>HABITUS</i> DO OUVINTE	173
5.1 A CIDADE QUE SE TRANSFORMA: DO RURAL AO URBANO	175
5.2 MIGRANDO TAMBÉM NAS ONDAS DO RÁDIO	182
5.3 O RÁDIO E OS TEMPOS DA VIDA	191
5.4 HERANÇAS REDESCOBERTAS	198
5.5 A ESCUTA INVOLUNTÁRIA E A NÃO ESCUTA	207
5.6 COMPANHEIRO DE TODAS AS HORAS	215
5.7 CONVIVÊNCIA SEGMENTADA	225

5.8 O RÁDIO COMO PAISAGEM SONORA	234
5.9 O NOVO ESPAÇO DOMÉSTICO DO RÁDIO	241
5.10 NO RITMO DA CASA	251
6 MODOS DE OUVIR NO FLUXO GERACIONAL	259
6.1 PRIMEIRA GERAÇÃO	260
6.2 SEGUNDA GERAÇÃO	262
6.3 TERCEIRA GERAÇÃO	264
6.3.1 Revertendo a regressão na audição	266
6.3.2 Exercícios para estimular a escuta	268
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	273
REFERÊNCIAS	279

PREFÁCIO

Qual o significado dos sons em nossa vida cotidiana? Como e por que meios ouvimos? Existem diferenças nas formas de escutar ao longo de diferentes gerações? Essas são algumas das questões tratadas por Mônica Panis Kaseker neste livro.

Para iniciar, proponho aos leitores uma pequena brincadeira: quando lembramos de nossa infância, que sons recordamos? Quando lembramos de nossa juventude, de nossa vida adulta e de nossa velhice, que sons recordamos? Podemos afirmar que, ao longo de toda a vida, estivemos cercados por sons, músicas, ruídos e vozes os quais, longe ou perto, produzem e mantêm vivos sentimentos e recordações.

Tentando responder à brincadeira que propus, tenho, dentre outras lembranças, o som da voz de meu pai cantando a música *Negrinho do Pastoreio*, muito conhecida no Sul do Brasil, onde nasci. Lembro também de meu pai narrando as notícias no programa de que participava como locutor



na Rádio Farroupilha, que alcançava, já naquela época, as cidades de Montevideu e Buenos Aires. Essa segunda lembrança só foi possível ouvir já na minha vida adulta pelas fitas de rolo, digitalizadas recentemente com o apoio decisivo da autora deste livro – Mônica Kaseker. Assim, tive a feliz oportunidade de mostrar a meu filho caçula, Lucas, e a seus primos como era a voz do avô falecido há 30 anos.

Este livro traduz em grande medida o significado das questões que assinala: temos o som, o mais intangível e imaterial dos fenômenos, mas que, por intermédio do desenvolvimento de meios técnicos de produção (do instante mesmo em que os sons puderam ser fixados) e de reprodução, nos conecta com nosso passado, articula pontes em nosso presente e permanece duradouro e vivo no futuro. Diferente da fotografia – a imagem de um tempo morto, fixo, inerte –, os sons chegam a nós como se a vida que os produziu (pelo movimento da respiração, do ar, do sangue) ainda estivesse aqui; eu os escuto, embora a pessoa que os produziu já não esteja mais entre os vivos.

Assim é que, neste livro elaborado originalmente como tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, encontramos uma pesquisa original, que certamente constituir-se-á em obra de referência para pesquisas futuras nessa área de estudos das formas de mediação cultural, por meio das quais os ouvintes de rádio se apropriam das informações, mensagens e imagens produzidas pelos veículos de comunicação de massa.

Mônica Kaseker elaborou uma ampla revisão da bibliografia produzida sobre a questão da recepção, que esteve, em grande medida, ancorada, até meados da década de 70, no paradigma de que o receptor era um “receptáculo” vazio, que recebia toda e qualquer mensagem e era dominado e manipulado pelos meios de comunicação de massa. Essa perspectiva, especialmente inspirada nas leituras dos autores da Escola de Frankfurt, no caso brasileiro, produziu um esforço de unificá-las com a tradição das análises produzidas pela semiótica e pela semiologia.

Assim, no caso das pesquisas realizadas no Brasil, houve ênfase em se pesquisar a estrutura dos próprios meios, de um lado, e a análise das mensagens de outro, deixando de lado a dimensão do sujeito que recebe/consome/se apropria das mensagens dos meios.

A mudança desse cenário ocorre com o desenvolvimento de algumas pesquisas pioneiras, como a realizada por Richard Hoggart (1957) sobre como a classe operária inglesa se apropriava das produções literárias (livros, revistas, jornais), e sobre as mudanças nas formas de comunicação entre diferentes gerações: dos avós migrantes, vinculados à oralidade das antigas comunidades rurais, aos seus netos, criados num ambiente urbano e de acesso mais amplo às escolas e aos meios de comunicação de massa. Dois aspectos fundamentais da obra merecem ser destacados: o foco na cultura popular e na perspectiva da mudança cultural, ambos relacionados a diferentes gerações das mesmas famílias.

Nesse sentido, o livro de Mônica Kaseker vincula-se, de um lado, a essa tradição inaugurada por Richard Hoggart, que redundou na criação do Centro de Estudos da Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham, posteriormente, dirigido por Stuart Hall. Dentro dessa tradição culturalista são produzidos vários estudos sobre os processos de decodificação e da construção social dos significados, que se inscrevem na lógica da vida cotidiana, na própria expressão da cultura. Por outro lado, este trabalho também expressa uma ligação muito forte com uma tradição latino-americana dos estudos culturais, que tem proposto uma leitura crítica e mais imaginativa com relação às formas de apropriação dos meios e seus significados.

Destacaremos aqui alguns autores latino-americanos que têm contribuído para o desenvolvimento de pesquisas nessa área. Iniciamos com Jorge González (2001), que propõe o conceito das *frentes culturais* para analisar os fluxos e contrafluxos simbólicos criadores de tensões entre as instituições culturais que exercem, em sua visão, forças centrífugas. Ele parte do conceito de *campo* de Bourdieu para demonstrar que as estruturas especializadas na construção de discursos – compostas por instituições, agentes e práticas – conformam redes ideológicas que, por sua vez, são apropriadas por agentes não especializados na elaboração de formas simbólicas que receberão, interpretarão e negociarão o sentido. Dessa relação dialógica, participam, de um lado, os setores especializados na produção de discursos e, de outro, as próprias condições da vida cotidiana. À medida que sugere analisar aspectos estruturais, históricos, situacio-

nais e simbólicos da construção dos discursos, a proposta de Gonzáles se assemelha bastante à de Bourdieu e enriquece a análise da prática cotidiana da escuta radiofônica. Isso envolve um processo dinâmico ao longo da história do rádio e dos sujeitos, que consiste em estratégias socialmente colocadas e táticas adotadas em determinadas conjunturas momentâneas, assim como sugere Certeau.

As análises propostas por Jesus Martín-Barbero procuram articular, de modo mais completo, as relações entre a comunicação, a cultura e a política, dependendo diacronicamente das matrizes culturais e dos formatos industriais, e sincronicamente, das lógicas de produção e competências de recepção. Todas essas relações estariam mediadas por institucionalidade, tecnicidade, ritualidade e socialidade. Há, neste ponto, uma trama das cumplicidades entre discursos hegemônicos e subalternos, deixando de lado o maniqueísmo estrutural. Com isso, Martín-Barbero considera que a comunicação pode ser analisada pelos aspectos da socialidade ou da institucionalidade, abordando questões como a construção de sentido e a própria construção e desconstrução social, ou enfocando a problemática dos meios, na qual os discursos públicos são produzidos para atender interesses privados e que atuam de maneira hegemônica.

Outro autor vinculado à tradição latino-americana é Guillermo Orozco (2006), que propõe o modelo das mediações, construído a partir do conceito de *mediação* de Martín-Barbero. Para ele, a recepção é produção e interação, mediada por diversas fontes, e não se limita ao momento em que o receptor está em contato com os meios. Para esse

autor, não é possível estudar a cultura fora da comunicação e de tudo aquilo que os meios veiculam. Ele observa, ainda, que é na recepção que se pode observar os processos de reconstrução de significados hegemônicos e como se geram as estratégias de resistência ao poder.

No modelo de Orozco, encontram-se as seguintes mediações: 1. videotecnológica, relativa às características próprias dos meios (televisão, rádio); 2. cognoscitiva, referente aos mapas mentais constituídos ao longo da vida do indivíduo em interação social; 3. situacional, que faz referência ao cenário de “ver tevê”, “escutar rádio”; 4. institucional, que são as diversas outras instituições às quais o receptor está vinculado; 5. referencial, que consiste nos fatores de gênero, etnia, idade, origem social e geográfica, dentre outros.

Uma das contribuições da autora, neste livro, é justamente o esforço de articular à proposta de Orozco a dimensão das identidades culturais construídas por meio da apropriação midiática. Essa perspectiva procura pensar as identidades culturais cuja figura central é um sujeito descentrado, inserido em configurações nas quais assume diversas posições marcadas por classe, gênero, geração, raça e etnicidade. Dessa forma, é possível pensar e articular diferentes dimensões e sentidos das possibilidades de apropriação dos meios, das múltiplas mediações existentes, buscando, assim, captar essas “fragmentaridades” próprias das identidades contemporâneas.

Nestor García Canclini (1999), o principal autor da perspectiva do consumo cultural, procura articulá-lo à comunicação de massa e à cidadania, no marco de um mundo globa-

lizado que criou um novo cenário sociocultural. Tal cenário é marcado, por um lado, pelo esvaziamento dos espaços locais e nacionais, face aos grandes conglomerados transnacionais; e, por outro, pela reelaboração do próprio lugar, de cada espaço, produzindo a necessidade de redefinição do senso de pertencimento e de identidade. A própria forma de se pensar as identidades se altera, pois aquelas da modernidade que tinham por referência os territórios e eram monolíngüísticas foram suplantadas pelas identidades pós-modernas, marcadas pela produção industrial da cultura, pela comunicação tecnológica e pelo consumo diferenciado de bens. Com isso, as pessoas desenvolvem estratégias próprias nos cenários informacionais e comunicacionais, nos quais se formam e se renovam as identidades. São os habitantes das cidades que expressam esse novo tipo de identidade, desenvolvendo formas heterogêneas de pertencimento, em redes entrelaçadas com o consumo.

Na linhagem de reflexões realizadas por García Canclini (1999), há o trabalho de Rosalía Winocur (2002), que, em sua obra *Ciudadanos midiáticos – La construcción de lo público en la radio*, apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Cidade do México, investigando o papel que desempenham os meios de comunicação, em particular o rádio, na conformação doméstica de novos sentidos. A pesquisa de Winocur (2002) foi um marco importante na definição das estratégias metodológicas deste trabalho, que também parte do estudo de universitários de classe média e baixa, e se baseia na observação das formas de interação de suas famílias com o rádio, tanto em casa como nos automóveis.

O desafio de construir uma pesquisa sobre os processos de apropriação midiática coloca-se justamente na medida em que se procure articular, de forma integrada, vários campos disciplinares, como os da Comunicação, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência Política, e assim por diante. No Brasil, no campo de usos dos meios e das formas de apropriação, podemos destacar as contribuições teóricas e metodológicas desenvolvidas por Escosteguy e Jacks (2005), que produziram um estudo profundo e amplo sobre a recepção da telenovela no contexto de famílias de diferentes classes sociais.

Gostaria de assinalar, ainda, o papel que este livro pode desempenhar no campo de estudos da comunicação e da cultura de forma especial. O primeiro ponto notável é a relativa escassez de pesquisas e publicações que contemplem os processos de recepção/apropriação, de uma forma mais geral, e sobre o rádio, de modo mais específico.

Entre 1991 e 2001, foram produzidos no Brasil 104 trabalhos de pós-graduação (mestrado e doutorado) sobre o rádio. Nesse levantamento realizado por Haussen (2009a), apenas 17 trataram de temas relacionados à recepção. Há que se notar que nenhum desses trabalhos aborda o tema tratado por Kaseker: os diferentes modos de ouvir, nas formas de apropriação da rádio ao longo das gerações.

Pensando na questão da cultura do ouvir, dos modos de escuta, podemos verificar que são escassos ainda os trabalhos nesse campo. Na reunião do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 2011, identificamos duas contribuições: o trabalho de Mirma Tonus e Sandra Sueli Garcia de Sousa, “Formas de

ouvir: um passeio acústico entre o passado e o futuro”, e o artigo de José Eugenio de O. Menezes, “Cultura do ouvir: das pinturas rupestres aos *audiocasts*”.

No primeiro trabalho mencionado, as autoras traçam um panorama dos níveis de escuta do rádio e dos atuais aparatos tecnológicos, como *MP3 players* e *iPods*. Partem de referenciais teóricos e reflexões baseadas na observação e na vivência do radiojornalismo de ambas as autoras e dos diversos arsenais sonoros, eletrônicos e/ou digitais, que estão em desenvolvimento. Considerando que o consumidor das tecnologias contemporâneas não apenas recebe as informações, mas também pode produzi-las, questiona-se até que ponto as formas de ouvir de um passado não tão remoto podem se encontrar em um futuro cada dia mais imediato.

Partindo do diagnóstico do padecimento dos olhos e da necessidade de se reduzir a fixação espacial do olho, reforçando-se, por outro lado, as capacidades do ouvido, formulados por Dietmar Kamper, Menezes apresenta uma revisão bibliográfica e levanta questões decorrentes dos estudos a respeito da cultura do ouvir. Do ponto de vista epistemológico, dialoga com Baitello Jr., Plessner, Flusser e Bauer para conceituar de que forma uma cultura do ouvir contribui para a passagem de sociedades de informação em futuras sociedades de conhecimento. A partir da contemplação silenciosa de pinturas rupestres e da audição de paisagens sonoras disponíveis em redes no formato de *audiocasts*, Menezes investiga como os vínculos sonoros podem ampliar experiências de cidadania.

Percebe-se que, nos últimos anos, tem se renovado o interesse na produção de pesquisas sobre história do rádio

no Brasil, memória radiofônica – que, infelizmente, tem se perdido em virtude da ausência, por parte das emissoras, de uma política de preservação de sua memória e de seus acervos sonoros –, formas de mediação e apropriação dos meios, dentre outros temas. Vale destacar aqui o livro *E o rádio: novos horizontes midiáticos [recurso eletrônico]*, organizado por Luiz Artur Ferraretto e Luciano Klöckner, publicado em 2010 pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Finalmente, como já mencionado, este livro de Mônica Kaseker certamente irá se inscrever de forma vigorosa no interior desse campo de pesquisas, tornando-se uma obra de referência, especialmente em virtude da forma como o construiu tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Vale ressaltar que a aventura da pesquisa exige sempre do pesquisador o exercício dessa arte apaixonante de invenção, de criação que aqui se revela por inteiro, pois todos os instrumentos disponíveis de nosso conhecimento só nos servem diante de problemas de pesquisa e de questões articuladas de modo coerente. Neste trabalho, encontramos a prática da pesquisa sustentada por sensibilidade, pela constância reflexiva e pelo diálogo permanente entre o que se observa e as possibilidades de avançar na interpretação.

Ana Luisa Fayet Sallas

*Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da UFPR*

1 INTRODUÇÃO

Escutar é esse jogo de captar significantes graças ao qual o infante se converte em ser falante.

Roland Barthes

O rádio ajuda a definir espaços e tempos cotidianos, demarca a hora de cuidar da casa ou ir para o trabalho, o momento de se arrumar para sair ou de preparar o churrasco de domingo. Pode acompanhar o ouvinte durante horas: tanto como som de fundo quanto resgatando sua atenção latente ao longo desse tempo e se tornando o som mais importante do ambiente por alguns instantes, quando toca sua música preferida ou apresenta uma notícia que lhe interessa. Com atenção exclusiva e imobilidade, ou atenção latente em atividade, em casa, no carro, caminhando na rua com o MP3 *player* ou o celular, na internet, os modos de ouvir também variam de acordo com os suportes tecnológicos.



Esta pesquisa trata dos hábitos dos ouvintes de rádio, de suas falas e das práticas de apropriação radiofônica, com a proposta central de analisar a constituição do *habitus* do ouvinte. Nesse sentido, apresentam-se também alguns objetivos particulares: compreender as distintas formas de apropriação da programação radiofônica; observar como se comportam os diferentes gêneros e as gerações em relação ao rádio; analisar a relação do gosto dos ouvintes e seus estilos de vida; entender como os modos de escuta estão relacionados à construção da identidade nas diferentes gerações; e investigar as novas formas de escutar na contemporaneidade, a partir da chegada de novas tecnologias de comunicação e informação. Algumas perguntas nortearam a pesquisa: O que fazem as pessoas com o rádio em seu cotidiano familiar? Quais são os diferentes modos de ouvir e o que estrutura esses modos? Como se situa o rádio entre os outros meios usados no cotidiano das mídias e em contexto urbano?

Como ressalta Morley (1996), os processos de apropriação cotidiana das mídias podem parecer ingênuos e despreziosos, mas constituem um dos elementos estruturadores do senso comum, sendo, portanto, de grande importância ideológica e política. Além disso, ao estudar as práticas de apropriação midiáticas, é possível desvelar configurações de domínio, conflitos, o modo como se dão a tomada de decisões e o estabelecimento de regras no âmbito doméstico. E, nesse caso específico, também as mudanças de comportamentos sociais e de composição de imaginários ao longo das gerações observadas. Embora a pesquisa esteja

voltada ao contexto dos ouvintes de rádio, a metodologia desenhada se apresenta como alternativa para compreender a apropriação midiática como um todo no âmbito doméstico.

A investigação consistiu inicialmente em uma fase exploratória com 110 famílias de estudantes de Comunicação da PUCPR. Durante quatro meses, foram observados os hábitos de apropriação radiofônica no cotidiano familiar. Com base no perfil das famílias – delineado nesse levantamento inicial –, foram selecionadas, posteriormente, dez residências, para o aprofundamento da observação por mais seis meses. Na segunda etapa da pesquisa, a autora visitou as residências, entrevistando todos os integrantes de cada família e registrando os encontros sonora e fotograficamente.

Em razão do pequeno número de publicações sobre o rádio em Curitiba, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com radialistas curitibanos sobre a história do meio no Paraná, além de buscas em *sites* especializados, científicos e das próprias emissoras de rádio mencionadas ao longo do trabalho, e análise de pesquisas secundárias, como os índices de audiência radiofônica aferidos pelo Ibope. Essas medidas tiveram como objetivo contextualizar o rádio na vida e na história da cidade de Curitiba, onde foi conduzida a investigação, considerando que ele seria um dos fatores estruturantes do *habitus* do ouvinte.

No segundo capítulo, apresenta-se o conceito de *escuta* segundo Barthes (1995), a partir do qual se discute a cultura do ouvir numa sociedade em que prepondera o culto à imagem. Nesse âmbito, são apresentadas as ideias de Simmel (1927,

1978, 1983, 2003) sobre a sociologia dos sentidos e como as grandes cidades favorecem o culto à imagem em detrimento do ouvir. Baitello Jr. (1999), Wisnik (1989) e Schafer (2001) complementam as discussões sobre a necessidade e a importância do ouvir para a construção do conhecimento. Também é abordado nesse capítulo o conceito de *habitus* e sua aplicação na prática do escutar, com base especialmente em Bourdieu (1987, 1996), Elias (1994b), e Certeau (1994).

A questão das gerações é central nessa discussão sobre a constituição do *habitus* do ouvinte no cotidiano familiar e, nesta investigação, sua abordagem baseia-se especialmente em Mannheim (1982) e Elias (1994a, b). Outras questões, como gênero, gosto e estilo de vida, são abordadas, destacando mais uma vez a contribuição teórica de Bourdieu (2002, 2007). Finalizando o capítulo, surge o tema da construção da identidade num contexto de hibridização cultural que atinge cada geração, de maneira diferenciada, num movimento que acompanha o processo de globalização. Nesse aspecto, buscou-se a contribuição de Stuart Hall (1998, 2003) e Manuel Castells (1999, 2004).

No terceiro capítulo, apresenta-se um breve relato histórico das fases do rádio no Brasil e no Paraná, além de um panorama do rádio em Curitiba na atualidade, abordando a questão das concessões e de como isso afeta os conteúdos veiculados pelas emissoras. São analisados, também, os índices de audiência, com o objetivo de contextualizar como ela se dá quantitativa e qualitativamente entre as emissoras AM e FM. A ideia é apresentar o contexto, que serve como

pano de fundo para a análise sobre a constituição dos modos de escutar rádio.

A metodologia e a análise das informações relatadas pelos ouvintes são apresentadas, respectivamente, nos capítulos IV e V, procurando verificar o movimento de renovação do *habitus* do ouvinte no decorrer das gerações, a partir das mediações tecnológicas, cognoscitivas, situacionais, referenciais e institucionais observadas. A análise também leva em conta outros fatores que transcendem os comportamentos geracionais e se referem mais a laços afetivos e simbólicos que aproximam e afastam os ouvintes em suas tramas de convivência no cotidiano familiar.

2 O LUGAR SOCIAL DA ESCUTA

2.1 OUVIR NÃO É ESCUTAR

Se ouvir é um fenômeno fisiológico comum a todos os animais, o que buscamos compreender são os atos de escuta, especialmente a radiofônica, portanto dotados de significação e constituídos de formas de sociabilidade. Para Barthes (1995), a escuta tem três níveis, sendo o mais primário o do ouvir, aquele no qual um ser vivo orienta sua capacidade auditiva para a percepção de índices sonoros, que possam denotar, por exemplo, uma presa ou uma ameaça. É no segundo nível de escuta que o homem se diferencia dos outros animais, na medida em que essa operação requer um deciframento dos sons, ou seja, eles operam como códigos. No terceiro nível, acontecem as interações e os sujeitos envolvidos no processo passam a participar de uma espécie



de jogo, no qual se constrói a significação (BARTHES, 1995, p. 243-244). Nessa dimensão, a escuta é criação, é signo e, portanto, discurso.

Schaeffer (1996), em suas incursões sobre o universo sonoro, distingue quatro níveis de percepção auditiva: ouvir, escutar, reconhecer e compreender. O primeiro estágio, ouvir, refere-se à percepção espontânea, à ação energética traduzida pelo som, representando o índice da emissão sonora. Escutar está mais relacionado ao sujeito e a sua percepção crua do som. Na fase de reconhecimento, o sujeito associa o som a experiências anteriores, interesses dominantes atuais, selecionando e apreciando o que está sendo ouvido. Somente na fase de compreensão é que as percepções qualificadas são orientadas a uma forma particular de conhecimento e às significações, o que pressupõe certa linguagem de sons (SCHAEFFER, 1996, p. 62).

Já para Kerckhove (1999a), a escuta se diferencia pela atenção seletiva, que pode ser ativada ou desativada, para se obter informação e tomar controle sobre nosso entorno. Há também diferentes tipos de escuta: para o significado manifesto das palavras, para o significado oculto das emoções, para o entretenimento ou para a meditação. De acordo com as circunstâncias e necessidades, podemos optar pelos modos oral ou alfabético de escuta. O modo oral, para o autor, tende a ser global e compreensivo, atendendo a situações concretas ou pessoais, está mais ligado ao contexto, é cosmocêntrico e espacial. Já o modo alfabético é especializado e seletivo, está interessado em

palavras e nos significados verbais. É mais independente em relação ao contexto, é linear, temporal e logocêntrico (KERCKHOVE, 1999a, p. 130).

Seja na definição de Barthes, Schaeffer ou Kerckhove, interessam-nos os níveis de escuta relacionados à interação social. Barthes (1995, p. 244) afirma que o desenvolvimento tecnológico tem modificado a hierarquia dos cinco sentidos. A escuta tem sido ressignificada, especialmente, pela valorização do sentido da visão.

2.2 ESCUTAR É PRECISO

Na sociedade da imagem e da visualidade, qual seria o lugar da escuta?

Segundo Mix (2006), passamos por uma radical transição nas formas de construir o conhecimento, deixando a civilização do texto lido para viver na civilização do texto visto. Para compreender essa civilização de caráter sintético e ideográfico, é necessário que se utilize não mais apenas o deciframento do código alfabético, mas também a leitura de múltiplas linguagens. A compreensão do mundo não passa mais somente pela análise do discurso escrito. Muito além da leitura de textos, é preciso ampliar nossa capacidade de interpretar sons e imagens (MIX, 2006, p. 19-20).

Tanto a cultura oral como a visual são anteriores ao saber escrito, mas a velocidade com que as imagens se reproduzem na contemporaneidade faz com que sejamos bombardeados por mensagens invasoras e onipresentes, signos abreviados que exigem interpretação rápida, condição que dificulta o

Impresso na Gráfica Capital

Rua Imaculada Conceição, 247 - Rebouças - CEP 80215-130

Telefone: (41) 3333 7733

Curitiba - Paraná - Brasil

A presente edição foi composta pela Editora Universitária Champagnat e impressa na Gráfica Capital, em sistema *offset* 75 g/m² (miolo) e papel supremo 250 g/m² (capa), em outubro de 2012.